

A SEMANA – 204*

26 de abril de 1896

“Terminaram as festas de Shakespeare” diz um telegrama de Londres, 24, publicado anteontem¹ na *Notícia*.² Eu, que supunha o mundo perdido no meio de tantas guerras atuais e iminentes, crises formidáveis, próximas anexações e desanexações, respirei como alguém que sentisse tirar-lhe um peso de cima do peito. Que me importa já saber se o príncipe da Bulgária comungou ou não, esta semana, tendo-lhe o papa negado licença? Provavelmente não comungará mais, tudo por haver consentido que o filho fosse batizado na religião ortodoxa.³ Quantos outros pais terão deixado batizar os filhos em religiões alheias, sem perder por isso o direito de comungar; basta-lhes entrar na igreja próxima e falar ao vigário. Não são príncipes, não governam, não correm o perigo das alturas.

Cuba, que me importa agora Cuba?⁴ A rebelião come gente, sangue e dinheiro; a independência far-se-á ou não. Segundo um homem desconhecido, estava feita desde quarta-feira, e assim enganou a duas ou três folhas desta cidade, ação de muito mau

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 117, p. 1, 26 abr. 1896), SEMMA (p. 308-312) e SEM1953 (v. 3, p. 160-165). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Londres, 24, publicado anteontem] Londres, publicado anteontem 24, – em SEMMA; Londres, 24, publicado anteontem, – em SEM1953.

² Em telegrama enviado de Londres (24 abr. 1896), lê-se: “Terminaram as festas de Shakespeare, o delegado norte-americano teve grandes manifestações de simpatia.” (*Notícia*, ano III, n. 98, p. 1, col. 1, 24-25 abr. 1896) Todos os anos são realizadas festas na Inglaterra por ocasião do aniversário de morte de William Shakespeare (26 abr. 1564 – 23 abr. 1616).

³ Em telegrama de São Petersburgo, publicado na *Gazeta de Notícias* no dia 21 de abril de 1896 (ano XXII, n. 112, p. 1, col. 1), lê-se: “Deu-se ontem no palácio imperial um grande jantar de gala em honra do príncipe da Bulgária. / Achava-se presente a corte, tendo sido convidados altos dignitários do império. / No fim do jantar o czar Nicolau II levantou um brinde ao príncipe Fernando e a seu filho, o príncipe Bóris, herdeiro presumido do trono da Bulgária, e recentemente batizado na religião ortodoxa”.

⁴ Estava em andamento a Guerra de Independência de Cuba. Esses acontecimentos eram bem conhecidos dos leitores da *Gazeta*.

gosto, não só pela invenção dos decretos de Madrid,⁵ como pela da morte de um hóspede do hotel de Estrangeiros.⁶ O dono deste perdeu mais que ninguém, pois que Cuba, tarde ou cedo, alcançará a independência, o cônsul e o ministro de Espanha explicaram-se, mas a morte do hóspede é mais que a de Maceo ou Máximo Gómez.⁷ Lede bem a carta com que o dono do hotel de Estrangeiros correu à *Cidade do Rio* para afirmar que o defunto Villagarcía (se alguém há desse nome)⁸ nunca ali esteve, que ninguém morreu nem adoeceu naquela casa, apesar da epidemia recente, que os seus esforços foram grandes, e a notícia da morte ofende os seus interesses.⁹ É quase um reclamo, ou – como dizem os mal-intencionados, – um *preconício*.¹⁰

É tão grave o fato de morrer alguém nas hospedarias, que o dono de uma delas, nesta cidade, só por fina inspiração, pôde há tempos salvar a honra do estabelecimento. Não disse a ninguém que lhe morrera um hóspede, mas que adoecera e queria ir-se embora. Mandou vir um carro, fez meter dentro o cadáver, com as cautelas devidas a um enfermo, e sentou-se ao pé dele. – “Então, que é isso? dizia ele ao cadáver, enquanto o cocheiro dava volta ao carro. O senhor, saindo daqui, vai piorar e talvez morra; por que não fica? Aqui, antes de quinze dias, está corado e bom. Ande, fique; se quer, mando o carro embora. Não? Pois faz muito mal...” Os hóspedes, que ouviam esta exortação, lastimavam a teimosia do enfermo, e almoçaram com o apetite do costume.¹¹

Guerras africanas, rebeliões asiáticas, queda do gabinete francês, agitação política, a proposta da supressão do senado,¹² a caixa do Egipto,¹³ o socialismo, a anarquia, a crise europeia, que faz estremecer o solo, e só não *explode* porque a natureza, minha amiga,

⁵ O cronista menciona notícia falsa a respeito da independência cubana divulgada em jornais cariocas por um homem de nacionalidade espanhola. A divulgação deliberada da notícia causou constrangimento aos jornais, que condenaram o ato e publicaram retratação pública por divulgar informação falsa. Em linhas gerais, o caso é o seguinte: um homem de nacionalidade espanhola, passando-se por representante do seu consulado, distribuiu a jornais cariocas a notícia de que tinha recebido um telegrama do ministro do exterior da Espanha, segundo o qual estaria decretada a independência da ilha de Cuba. (*O Paiz*, ano XII, n. 4221, 23 abr. 1896) O cônsul espanhol no Rio de Janeiro, d. Adolfo Morales de los Rios, lendo as notícias e se informando sobre o assunto, entrou em contato com as redações dos jornais e negou a notícia. *O Paiz* (ano XII, n. 4222, p. 1, 24 abr. 1896), por exemplo, divulgou uma retratação pública.

⁶ Ver notas 8 e 9.

⁷ Máximo Gómez (18 nov. 1836 – 17 jun. 1905), comandante do exército cubano. Antônio Maceo (14 jun. 1845 – 7 dez. 1896), líder célebre da Guerra de Independência de Cuba, servia sob a liderança de Gómez.

⁸ *O Paiz* (ano XII, n. 4221, p. 3, col. 5, 23 abr. 1896) publicou a notícia de que um sr. Álvaro Villa García faleceu no dia 22 de abril de 1896, vítima de febre amarela.

⁹ A carta pode ser lida em *Cidade do Rio de Janeiro* (ano XI, n. 116, p. 1, col. 4, 24 abr. 1896).

¹⁰ O termo “preconício” – “apregoamento”, “divulgação” – foi criado pelo filólogo brasileiro Antônio de Castro Lopes (1827-1901), com cujas criações neológicas Machado se divertia.

¹¹ Não localizamos a fonte da informação. Teria Machado inventado essa história?

¹² Não localizamos notícia sobre esse assunto.

¹³ O *Jornal do Brasil* (ano VI, n. 86, p. 1, col. 1), em 26 de março de 1896, publicou telegrama de Paris, enviado no dia 25, sobre “A expedição de Dongola”, em que se lê: “A imprensa desta capital combate o acordo celebrado sobre a expedição de Dongola e julga falsa a notícia de que o barão Courcel (1835-1919) tenha consentido em que a *caixa do Egipto* pague as despesas daquela expedição.” (grifo nosso) Nessa época, o Egipto estava sob o domínio da Inglaterra. Ver também a nota 8 de “A Semana – 203”, neste número da *Machadiana*.

aborreço este verbo, mas há de estourar, com certeza, antes do fim do século, que me importa tudo isso?¹⁴ Que me importa que, na ilha de Creta, cristãos e muçulmanos se matem uns aos outros, segundo dizem telegramas de 25? E o acordo, que antontem estava feito entre chilenos e argentinos, e já ontem deixou de estar feito, que tenho eu com esse sangue que correu e com o que há de correr?¹⁵

Noutra ocasião far-me-ia triste a notícia dos vinte e tantos autos roubados a uma pretoria desta cidade.¹⁶ Vinte e um voltaram ao cartório, mas um deles não trazia petição inicial nem sentença, por modo que ficou o processo inútil. Uma destas manhãs, estando o pretor ocupado, vieram dizer-lhe que acabavam de furtar mais autos, correu ao cartório, viu que era exato. O mesmo pretor despediu há dias um empregado do cartório, que estava ao seu serviço; a razão é porque o homem, mediante dinheiro, tomava a si obter despachos favoráveis. Chegou ao ponto, segundo li, de fazer caminhar bem um negócio, a troco de certa quantia; recebida esta, fez desandar o negócio em favor da outra parte, a troco de igual remuneração.¹⁷ Reincidência ou arrependimento? Eis aí um mistério.

Outro mistério é que só vejo publicadas as ações, não os nomes dos autores. Nem sempre é necessário que estes sejam dados ao prelo. Casos há em que o silêncio é conveniente, não para impedir que os autores fujam, mas por motivos que me escapam. Seja como for, ainda bem que os autos se descubrem, os intermediários de despachos desaparecem, e o ar puro entra nas pretorias, na terceira, quero dizer, que é onde se deram os fatos aqui narrados. Entretanto, outra seria a minha impressão disto, como do resto, se não fosse o telegrama de Londres, 24.

¹⁴ O cronista lista uma série de assuntos internacionais que eram noticiados em jornais da época. Lista-os apenas; os leitores da *Gazeta* estavam cientes do que se tratava.

¹⁵ Jornais noticiaram conflito sangrento entre cristãos e muçulmanos na ilha de Creta, e tensões, por questões territoriais, entre Argentina e Chile. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 116, p. 1, col. 1, 25 abr. 1896) As relações entre Argentina e Chile durante o século XIX foram marcadas por disputas territoriais. O ponto essencial do conflito era o Estreito de Beagle – um canal que separa a ilha da Terra do Fogo de outras pequenas ilhas ao sul. Em 1881, os dois países firmaram um acordo sobre o canal e assinaram um tratado de paz, mas continuaram a disputar a posse sobre pequenas ilhas próximas ao canal. As tensões continuaram até 1979, quando foi assinado outro tratado de paz, com mediação do papa João Paulo II, alcançando-se certo equilíbrio geopolítico entre os dois países.

¹⁶ Machado de Assis volta ao assunto dos autos roubados. Esses desaparecimentos eram recorrentes na época. A respeito de um desses casos, diz John Gledson: “A primeira referência que Machado fez a este assunto está na crônica de 13 de agosto de 1893 (69), onde diz que ‘Alguma notícia que vi, como o arrombamento de um cartório e o desaparecimento de uns autos, é por ouvi-la contar.’ [...] O assunto volta à tona, então, mais de dois anos depois, no *Jornal do Commercio* de sábado, 28 de setembro de 1895 (p. 2, col. 3)”. Esta nota de John Gledson – que trata de um caso rumoroso, envolvendo o conde de Pinho – é bastante detalhada e pode ser lida inteira na *Machadiana Eletrônica* (v. 4, n. 8, p. 239, 2021).

¹⁷ No mesmo dia em que esta crônica foi publicada, no Folhetim do *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 117, p. 1, col. 5, 26 abr. 1896), intitulado “SEM RUMO / CRÔNICA SEMANAL”, o folhetinista (G.) escreveu: “Aqueles escândalos da terceira pretoria, patrioticamente denunciados por esta folha, são de fazer-nos passar um friozinho pela medula; especialmente o caso do auxiliar da pretoria, que comprava sentenças ao juiz, e depois destruía documentos para haver também dinheiro da parte contrária, comendo, como se diz, a dois carrinhos.” Não localizamos a denúncia mencionada pelo folhetinista.

“Terminaram as festas de Shakespeare...” O telegrama acrescenta que “o delegado norte-americano teve grande manifestação de simpatia.” A doutrina de Monroe, que é boa, como lei americana,¹⁸ é coisa nenhuma contra esse abraço das almas inglesas sobre a memória do seu extraordinário e universal representante. Um dia, quando já não houver império britânico nem república norte-americana, haverá Shakespeare; quando se não falar inglês, falar-se-á Shakespeare. Que valerão então todas as atuais discórdias? O mesmo que as dos gregos, que deixaram Homero e os trágicos.

Dizem comentadores de Shakespeare que uma de suas peças, a *Tempest*, é um símbolo da própria vida do poeta e a sua despedida. Querem achar naquelas últimas palavras de Próspero, quando volta para Milão, “onde de cada três pensamentos um será para a sua sepultura”, uma alusão à retirada que ele fez do palco, logo depois. Realmente, morreu daí a pouco, para nunca mais morrer.¹⁹ Que valem todas as expedições de Dongola e do Transvaal contra os combates de Ricardo III?²⁰ Que vale a caixa egípcia ao pé dos três mil ducados de Shylock?²¹ O próprio Egito, ainda que os ingleses cheguem a possuí-lo, que pode valer ao pé do Egito da adorável Cleópatra? Terminaram as festas da alma humana.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹⁸ A doutrina Monroe foi formulada pelo presidente americano James Monroe, em mensagem ao Congresso americano em 1823. Inicialmente era uma doutrina de defesa da autonomia das nações americanas em relação à Europa; posteriormente, tornou-se instrumento da expansão e da influência norte-americana no continente.

¹⁹ *The Tempest* (1623). “Every third thought shall be my grave.”; “Cada terceiro pensamento será meu túmulo.” – tradução de Rafael Raffaelli (SHAKESPEARE, 2014, p. 209). Próspero – duque de Milão, mago, condenado a doze anos de exílio numa ilha – é o personagem principal da peça.

²⁰ As expedições de Dongola e do Transvaal eram assuntos frequentes nos jornais da época. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 109, p. 2, col. 1, 18 abr. 1896), por exemplo, lê-se: “Em Tokar, próximo de Sonakin, travou-se um combate entre os dervixes e forças anglo-egípcias destinadas à expedição de Dongola. A luta foi renhida, ficando no campo da ação cerca de trinta mortos do exército dos dervixes e cerca de vinte do lado contrário. Foi considerável o número de feridos de parte a parte.” Os conflitos armados entre colonos ingleses e colonos bôeres na região do Transvaal (África do Sul) eram recorrentes. *Ricardo III*: peça de Shakespeare.

²¹ Shylock – personagem de *O mercador de Veneza* (1600) – é um rico e avarento comerciante que fazia empréstimos de dinheiro a juros elevados. Sobre “caixa egípcia” ver nota 13.

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 117, p. 1, 26 abr. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14059>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SHAKEASPEARE, William. *A tempestade*. Tradução Rafael Raffaelli. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187470>>.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.